

Eunice Durham

Não há sequer como enumerar, nesta homenagem, os pontos relevantes da trajetória da professora, pesquisadora, intelectual e militante Eunice Durham, falecida no dia 19 de julho de 2022.

Antropóloga, antes de mais nada: não deixa de chamar a atenção um detalhe no depoimento que fez a Lilian de Lucca Torres em 2009, na revista Ponto Urbe: a jovem Eunice, em seus 15 anos, ainda no ensino médio, leu um dos textos clássicos de Bronislaw Malinowski. Detalhe que marcou sua trajetória e deixou um legado, pois a obra desse pioneiro de nossa disciplina foi o tema da livre docência, em 1983 – *A Reconstituição da Realidade* – e como não lembrar da sua participação na consultoria e revisão da edição brasileira de *Argonautas do Pacífico Ocidental* na coleção “Os Pensadores” (1978)?

Este e outros clássicos foram presença determinante em sua formação acadêmica na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, da graduação (1951-1954) até a pós. Tanto o mestrado “Mobilidade e assimilação: a história do imigrante italiano num município paulista” (1964) e o doutorado “Migração, trabalho e família: aspectos do processo de integração do trabalhador de origem rural à sociedade urbano-industrial” (1967) tiveram a orientação do professor Egon Shaden – não sem polêmicas.... São trabalhos representativos de temas que, na época, constituíam questões relevantes para o entendimento das mudanças pelas quais passava o país, principalmente São Paulo, de uma configuração agrária rumo a uma estrutura urbano-industrial.

Neste ponto é importante ressaltar o protagonismo de gênero, avançado para a época, no campo acadêmico. Juntamente com a inseparável colega Ruth Cardoso, abriu espaço, numa área de conhecimento tradicionalmente vinculada à etnologia indígena, para estudos urbanos não apenas para suas próprias pesquisas, mas para as de seus orientandos, tendo em vista as rápidas e profundas transformações pelas quais passava a população da periferia urbana, no caso de São Paulo.

E a Antropologia aí tinha muito a dizer, até por conta de seus temas habituais – família, parentesco, vizinhança, medicina popular, festas tradicionais e rituais religiosos – só que agora voltados para o modo de vida dos moradores dos bairros periféricos: imigrantes estrangeiros, retirantes do Nordeste, caipiras paulistas... Seu livro “A Caminho da Cidade: a vida rural e a migração para São Paulo” (1973) reflete essa preocupação.

Mas a incansável Eunice não se restringiu à academia, como professora e pesquisadora: exerceu relevante papel na política científica: foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) nos períodos 1978-1980 e 1982-1984 com decisiva atuação na Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em confronto com a ingerência militar em tempos de ditadura; integrou o Comitê Acadêmico da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) no biênio 1987-1988; presidiu a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 1990 e 1991 e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); foi Secretária de Ensino

Superior no Ministério da Educação e membro do Conselho Nacional de Educação; uma das fundadoras do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) em 1969 e do Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da USP (NUPSS), instituição interdisciplinar que entre 1989 e 2005 pautou discussões sobre o ensino universitário brasileiro.

E para finalizar este registro de seu legado não se pode deixar de ressaltar a importância da formação, durante quatro décadas, dos anos 1970 até inícios de 2000, de levas de estudantes hoje atuando em diversas instituições, em todo o país e não só do ensino superior. A começar pelos encontros com os alunos, compartilhados com Ruth Cardoso nas animadas “reuniões da segundas feiras”, com leitura e discussão de autores até então alheios ao cânone antropológico convencional – Louis Althusser, Nicos Poulantzas, Antônio Gramsci, Manuel Castells, Jean Lojkine, Richard Hoggart entre outros, sem esquecer, claro, Claude Lévi-Strauss – até os diálogos constantes com seus alunos e as orientações formais de mestrado e doutorado.

Somos gratos a ela.

José Guilherme Cantor Magnani

<https://journals.openedition.org/pontourbe/1713>